

O FEMININO COMO EXCESSO OBSCENO EM *O CONTO DA AIA*, DE MARGERET ATWOOD

Gabriela Bruschini Grecca – gabrielabgrecca@hotmail.com
Doutoranda em Estudos Literários (UNESP-FCLAr/CAPE-PROEX)

RESUMO: Este artigo buscará compreender como a narrativa de *O conto da aia* (1985), distopia feminina da canadense Margaret Atwood, pode ser colocada em diálogo com o conceito de “excesso obsceno”, de Slavoj Žižek (2003), para compreender a formação do universo distópico patriarcal da República de Gilead. Mais do que um bode expiatório, a figura feminina sexualizada e emancipada dos antigos Estados Unidos, cujo caráter revolucionário foi cooptado pelo capitalismo para transformá-lo em uma das peças para o funcionamento do liberalismo econômico, se torna destituída de todos os seus direitos civis na transformação dos EUA em República de Gilead. Nesta nação, as mulheres são respeitadas apenas enquanto instrumento de reprodução, privadas de direitos fundamentais, incluindo o de serem protagonistas de suas próprias histórias. Desta forma, o conceito de excesso obsceno parece auxiliar no entendimento de como uma ideologia é capaz de criar seu próprio excedente, para depois desejar livrar-se dele e convencer a população a exterminá-lo. *O conto da aia*, ao revelar os processos envolvidos nesta estratégia, reflete criticamente sobre como mesmo uma nação que possui bases democráticas aparentemente consolidadas carrega em si a dimensão fantasmática do radicalismo e do fundamentalismo em suas próprias fissuras, sujeitas a ascenderem e tolherem as liberdades individuais tanto quanto nas sociedades totalitárias. Ou, nas palavras de Žižek (2003, p. 71), retrata o fascismo enquanto excesso obsceno latente do capitalismo, mantendo, nas palavras de Walter Benjamin (1987), uma verdadeira situação de barbárie, a partir do fechamento da história e do silenciamento da voz do oprimido.

PALAVRAS-CHAVE: Slavoj Žižek; excesso obsceno; distopia; *O conto da aia*.

1 INTRODUÇÃO

Um pouco mais de quinze anos após o recebimento do prêmio Arthur C. Clarke, concedido anualmente aos melhores romances de ficção científica, pela obra *O conto da aia* (*The Handmaid's Tale*, 1985), Margaret Atwood, em uma entrevista ao jornal britânico *The Guardian*, em 2003¹, afirma que ela mesma não consegue considerar seu livro como pertencente a tal vertente literária. De fato, não cabe aqui uma historicização do conceito de ficção científica desde sua origem, nem uma exposição das definições que têm sido esboçadas pelos estudiosos do gênero, as quais, além de serem diversas, não deram conta, até hoje, de abarcá-lo totalmente – aliás, é impossível dizer se alguma categorização sobre qualquer gênero literário consegue fazê-lo, e mesmo se seria esta sua função. Porém, é interessante selecionar um dos vieses conceituais para estabelecer uma determinada referência à ficção científica enquanto aproximação de um tipo de construção

¹Extraído de <https://www.theguardian.com/books/2003/apr/26/fiction.margaretatwood>. Acesso em 18/12/2017.

narrativa heterogênea, a qual, como a nomenclatura sugere, está sujeita a desdobramentos imprevisíveis, principalmente no que se refere ao trabalho com o estranhamento e a cognição do leitor (SUVIN, 1972; JAMESON, 2005).

Para Frederic Jameson (2005), a Ficção Científica é uma narrativa privilegiada na capacidade de criação de espaços ficcionais (geralmente, ambientados em um futuro próximo) que exerçam uma mediação entre o tempo presente e a experiência humana. Para este autor, as proporções do sistema capitalista na pós-modernidade se tornaram tão opressoras na vida do sujeito que este já não consegue mais apreender a realidade diretamente, fazendo que seja necessária, assim como Benjamin (1989) sugere em suas considerações laudatórias a Baudelaire, uma nova estética do choque: um novo modo de acesso à experiência. Na visão de Jameson (2005, p. 286), a Ficção Científica contemporânea está reconhecendo que seu papel nunca foi simplesmente de oferecer imagens do futuro, mas de, por intermédio destas imagens, desfamiliarizar e reestruturar nossa experiência do próprio presente. Complementando esta noção, para Darko Suvin (1972), a criação destes novos espaços - os quais precisam ser interpretados de acordo com seus próprios princípios, valores e leis - faz com que a ficção científica desenvolva sua própria forma literária, que Suvin denomina como interação cognição-estranhamento:

The use of estrangement both as underlying attitude and dominant formal device is found also in the *myth*, a ritual and religious approach looking in its own way beneath the empiric surface. However, SF sees the norms of any age, including empathically its own, as unique, changeable, and therefore subject to *cognitive glance* (...) *SF is, then, a literary genre whose necessary and sufficient conditions are the presence and interaction of estrangement and cognition, and whose main formal device is an imaginative framework alternative to the author's empirical environment* (SUVIN, 1972, p. 375 grifos do autor)².

Este aspecto é o que permitiria tanto a aparição de certos elementos inesperados, obedecendo a outra lógica diferente de nossa realidade, como, ao mesmo tempo, a obediência a leis naturais, ainda que diferentes das nossas, mas, ainda assim, explanáveis em princípios racionais, sem necessidade da interferência do mágico ou do maravilhoso. Dito isto, pode-se inferir que a autora de *O conto da aia* estava provavelmente se referindo, na entrevista, às questões mais diretas de ambientação da narrativa de ficção científica tradicional ao demonstrar afastamento do gênero, pois mesmo uma leitura superficial da obra de Atwood torna perceptível a ausência de grandes

²O uso do estranhamento tanto como atitude subjacente e dispositivo formal dominante também é encontrado no *mito*, uma abordagem ritual e religiosa observando, de seu modo particular, sob a superfície empírica. Contudo, a Ficção Científica compreende as normas de qualquer período, incluindo empaticamente a sua própria, como únicas, mutáveis e, assim, sujeitas ao vislumbre *cognitivo* (...) a Ficção Científica é, desta maneira, um gênero literário cujas condições adequadas e necessárias são a presença e a interação entre estranhamento e cognição, e cujo dispositivo formal principal é a estrutura imaginativa, que se oferece como alternativa ao ambiente empírico do autor (tradução nossa).

futurismos tecnológicos na vida na República de Gilead, na qual os Estados Unidos foram transformados³. A maior parte de sua construção das cidades, das instituições e do estilo de vida encontra correspondência em elementos que já existiam em 1985, na data de publicação da obra, e permanecem até hoje pouco modificáveis – as casas têm aparência suburbana, os meios de transporte continuam os mesmos e não há sequer menção à televisão e ao computador.

Porém, ao mesmo tempo e mais importante do que isso, a ideia de um país cuja Constituição foi suspensa e substituída pela Bíblia levada ao pé da letra, e que cerceou a vida das mulheres a ponto de serem reduzidas à sua função biológica de reprodução, parece assombrosa e quase inimaginável diante do imaginário ocidental construído sob os ideais de nação e liberdade. Assim, este parece ter sido o modo como Margaret Atwood encontrou para dialetizar a cognição e o estranhamento, conforme trazido por Darko Suvin. Uma sociedade na qual a infertilidade se tornou um problema social; as mulheres não trabalham, não leem e não têm direito à propriedade privada; as aias reproduzem os filhos dos Comandantes⁴ por uma espécie de estupro legalizado, ocorrido entre os joelhos das esposas dos Comandantes; professores universitários, médicos e a população LGBT (no livro, chamados de “traidores de gênero”) são enforcados; o tempo cronológico foi suspenso; o dinheiro, substituído por fichas com figuras que representam os objetos pelos quais podem ser trocados. Tudo isto causa um estranhamento tão grande, e é tão legitimado por, nos termos de Suvin, princípio caros ao mapeamento cognitivo da realidade (sem necessidade, como já dito, do mágico ou do maravilhoso para atingir este efeito), que é compreensível a crítica ter escolhido *O conto da aia* para representar o prêmio de melhor obra de Ficção Científica.

Tendo esta capacidade de fazer com que o leitor reflita sobre o presente a partir das imagens do futuro, a Ficção Científica não raro se ampara em um outro recurso formal para potencializar sua crítica social e, no caso de *O conto da aia*, seu “aviso de incêndio” (LÖWY, 2005) sobre os rumos que projetos ideológicos vigentes podem tomar: a hibridez com a ficção distópica. A partir da década de 1980, a distopia passa a se vincular cada vez mais à Ficção Científica, após um breve período em que a escrita utópica havia se reanimado, principalmente em obras de autoras feministas, correspondendo ao fôlego adquirido pelas pautas de movimentos de esquerda dos anos de 1960 e 1970. Já a revitalização do distópico sucede este período, segundo Tom Moylan (2000, p. 9), revelando a morte do “compromisso social” da socialdemocracia com as necessidades

³Pela descrição do livro, compreende-se que não foi todo o território atual dos Estados Unidos que sucumbiu a Gilead, mas sim uma parte da região do Norte, mais especificamente, à região do estado de Maine.

⁴Classe dos homens de mais alto nível, apoiadores do início de regime de Gilead que se transformaram em legisladores e dominantes desta sociedade.

humanas, e do conservadorismo em novos formatos, como o neoliberalismo, que é capaz até mesmo de, pela força do capital, cooptar as utopias em seu favor (MOYLAN, 2000, p. 106). Isto leva à criação, principalmente nos anos de mil novecentos e oitenta, do que Moylan (2000, p. 26) denomina “distopia crítica” (*critical dystopia*), a qual sobrepuja o debate usual das narrativas distópicas entre tecnologia e totalitarismo, e passa a analisar os efeitos do capitalismo e outras formas de dominação no âmbito cultural da contemporaneidade.

Outra caracterização latente nas distopias contemporâneas, para este autor (MOYLAN, 2000, p. 12), é o abandono dos binarismos (dominação *versus* oposição, por exemplo) para revelar ao leitor como não há mais um Estado representado por um líder a ser combatido, e, sim, diversos mecanismos nos quais o poder se encontra pulverizado, difícil até mesmo de ser identificado, bem como os novos modos de articular resistência. Desta maneira, características de implementação da ideologia em uma sociedade distópica vão se diferenciando das narrativas mais paradigmáticas do gênero, ainda que o projeto de controle e manipulação da subjetividade, da vida social e da história continue sendo o principal objetivo dos aparelhos dominantes. Logo, justifica-se a escolha do romance de Margaret Atwood para esta análise por ser um exemplo de obra na qual os mecanismos de criação de um futuro assombroso, porém justificado racionalmente pelas práticas sociodiscursivas, se encontram descritos com uma rica elaboração estética, partindo da narrativa fragmentada em primeira pessoa pela personagem Offred.

Por fazer parte da primeira geração de aias, isto é, ter vivenciado como eram as coisas antes da instauração do período gileadiano, Offred carrega em si o relato de lembranças vívidas de como se deu o processo paulatino de substituição da Constituição pela Bíblia e suas consequências. Dentre as principais estratégias dos Filhos de Jacó, grupo fundamentalista por trás do regime, está a associação da figura feminina ao que o filósofo Slavoj Žižek (2003, p. 71) se refere por “excesso obsceno” (também encontrado como “obverso/suplemento obsceno”), conceito que será melhor explanado junto à análise da obra de Atwood. De antemão, pode-se dizer que a disseminação da ideia do feminino ligado ao Mal, cuja forma excessiva (sexualizada e autônoma) precisa ser combatida, é o principal fio condutor que reforça o fanatismo religioso dos Filhos de Jacó e a adesão em massa da população às suas práticas em pleno final século XX⁵. No entanto, longe de ser uma elaboração apenas ficcional, a produção de excessos obscenos ao longo da história tem levado, segundo Žižek, à construção de genocídios, do Holocausto e das próprias guerras atuais

⁵Ao final, o pesquisador da nação de Gilead fornece uma estimativa de que o relato de Offred “não poderia ter sido feita no período dos últimos cento e cinquenta anos” (ATWOOD, 2017, p. 155), e a fala de pesquisador é datada em 2195 (ATWOOD, 2017, p. 151). Logo, pode-se supor que seu relato tenha ocorrido nos primeiros anos do século XXI ou, mais provavelmente, no final do século XX, já que sua história havia sido encontrada em fitas de música, mais comuns neste último período mencionado.

que envolvem Estados Unidos e Oriente Médio, o que faz com que ele possa ser visto como um sintoma que, recriado em termos narrativos, conforme Suvin (1972), desperta a cognição de leitor para o reconhecimento de seu próprio cenário social atual e torne ainda mais significativa a experiência do choque com a narrativa de Margaret Atwood.

2 O FEMININO COMO EXCESSO OBSCURO DA REPÚBLICA DE GILEAD

O conto da aia, como brevemente mencionado, pode ser caracterizada como uma narrativa de ficção científica distópica feminina, na medida em que o cerceamento das liberdades individuais, tema caro às distopias, é direcionado especificamente às mulheres. A narrativa de Offred é totalmente fragmentada, misturando o cotidiano da protagonista como aia (as idas ao mercado, o estupro nos dias férteis, as tensões com a esposa do Comandante), com seus devaneios (o desejo de escapar, de sobreviver mais um dia, de nomear as coisas para permanecer sã), suas histórias de sua vida privada e das pessoas com as quais conviveu (a mãe feminista, as amigas Moira e Janine). Cabe ao leitor ir, paulatinamente, recompondo a narrativa.

No romance, os Estados Unidos, ou parte dele, se transformaram na República de Gilead após um grupo intitulado “Filhos de Jacó” ascender ao poder e tomar como objetivo a restauração da moralidade do país. No período anterior ao regime, dezenas de desequilíbrios ecológicos eclodiram por meio da ação humana, como “vários acidentes em usinas nucleares, panes e ocorrências de sabotagem”, os “vazamentos de estoques de armas químicas e biológicas e de locais de depósito de lixo tóxico” e a aplicação indiscriminada de “inseticidas químicos, herbicidas e outras substâncias líquidas pulverizadas” (ATWOOD, 2017, p. 358). Isto causou modificações genéticas e pré-disposição ao nascimento de bebês com deformidade, e, somado a uma epidemia de sífilis e AIDS no mesmo período (ATWOOD, 2017, p. 359), desembocou em uma queda na taxa de natalidade de proporções alarmantes. O desespero de mulheres que desejavam engravidar e tinham abortos espontâneos, ou davam à luz a fetos natimortos, multiplicou-se a ponto de ser uma raridade encontrar alguém que conseguisse levar uma gravidez de forma natural e bem-sucedida. A protagonista Offred chega a se lembrar de um episódio em que estava em um supermercado com a filha no carrinho e, após tê-la deixado por um instante para apanhar um produto, viu que ela havia desaparecido. Quando deu por si, havia outra mulher no mesmo corredor com sua filha em mãos, tentando roubá-la. “Estava chorando e dizendo que era o bebê dela, que o Senhor o dera a ela, que lhe enviara um sinal. Eu senti pena da mulher (...) Pensei que fosse um evento isolado, na época” (ATWOOD, 2017, P. 79).

Para tornar o cenário ainda pior, os Estados Unidos viam-se envolvidos com diversas guerras intermináveis, tornando vigilantes o medo das ações terroristas e a xenofobia. Assim, o período pré-Gilead é caracterizado por diversas consequências das estruturas capitalistas - da degradação ambiental à criação de um ambiente inóspito para a geração de vidas ao espectro de uma guerra iminente. Diante de uma população cujo cotidiano se tornou a vivência de uma eterna aflição, o apego à religiosidade se tornou uma das canalizações mais imediatas para encontrar respostas e modos de lidar com a realidade. De tal maneira, traduz-se um desejo de vencer a situação de anormalidade daquele período por meio de princípios, valores e do resgate da tradição e da ortodoxia para que uma espécie de “merecimento” pudesse sanar a crise.

Partindo desta fonte de suplício, o grupo de fanáticos religiosos Filhos de Jacó passa a se aproveitar da situação para colocar em prática sua doutrina, na qual a infertilidade passa a ser associada a um problema das mulheres, jamais dos homens. “São só as mulheres que não podem, que se mantêm teimosamente fechadas, danificadas, defeituosas” (ATWOOD, 2017, p. 243). A partir da disseminação de suas ideias, o grupo agrava a culpabilidade das mulheres no processo de recuperação do país, pois a facilidade em utilizar contraceptivos e realizar abortos, mesmo em um momento no qual a taxa de natalidade havia despencado violentamente, fez com que elas, principalmente as que se davam o direito da liberdade sexual sem finalidade de procriação, passassem a serem vistas como egoístas, “preguiçosas”, “vagabundas” (ATWOOD, 2017, p. 138).

Houve uma época em que o ar ficou carregado demais de substâncias químicas, raios, radiação, a água enxameava com moléculas tóxicas, tudo isso leva anos para pôr em ordem, e enquanto isso elas penetram em seu corpo, se acumulam nas células adiposas do corpo. Quem sabe, sua própria carne pode estar poluída, suja como uma praia onde houve um derramamento de petróleo, morte certa para os pássaros marítimos e bebês ainda por nascer (...). Um berço de vida feito de ossos; e no interior, riscos, proteínas deformadas, cristais defeituosos denteados como vidro quebrado. As mulheres tomavam medicamentos, comprimidos, os homens pulverizavam árvores, as vacas comiam a relva, todo esse mijo com a força comprimida fluía para os rios. Para não mencionar a explosão de usinas de energia atômica, ao longo da falha de San Andreas, não por culpa de ninguém, durante terremotos, e a cepa mutante de sífilis que nenhum tipo de mofo conseguia tocar (ATWOOD, 2017, p. 137).

O excerto acima, correspondente ao discurso da Tia Lydia - uma das agentes de controle de Gilead - é um exemplo da equiparação das mazelas dos riscos ambientais trazidos pela contemporaneidade às advindas do fato de que “as mulheres tomavam medicamentos, comprimidos”, assim como da simultaneidade da explosão da usina à epidemia da sífilis, doença sexualmente transmissível. Pode-se afirmar, a partir disso, que o discurso incitado pelos Filhos de Jacó sustenta sua força na falsa simetria entre os desastres ambientais e a culpabilização das

mulheres na aceleração de todo o processo. Este recurso empodera o grupo, que se espalha e ganha adesão à medida que o desespero pela epidemia da infertilidade se alastra por milhares de famílias, ao menos em sua (majoritária) ala conservadora.

É claro, algumas mulheres acreditavam que não haveria futuro, pensaram que o mundo explodiria. Essa era a desculpa que usavam, diz tia Lydia. Diziam que não havia sentido na procriação. As narinas de tia Lydia se estreitam: tamanha maldade. Eram mulheres preguiçosas, diz ela. Eram mulheres vagabundas. (...). Uma coisa é valiosa, diz ela, somente se for rara e difícil de obter. Queremos que vocês sejam valiosas, meninas. (...) Pensem em si próprias como pérolas (ATWOOD, 2017, p. 138).

Esta prática, a implementação de uma figura que sirva para alívio da agressividade canalizada por um grupo social, é comum em diversos períodos da história, e é frequentemente abordada por Slavoj Žižek (2003) no espectro do que ele intitula por excesso obsceno. Este conceito vai além da ideia de bode expiatório, pois não se trata somente de selecionar um grupo étnico, racial ou (no caso de *O conto da aia*) de gênero para torturá-lo ou dizimá-lo através de justificativas xenofóbicas, racistas, machistas ou homofóbicas. Trata-se de um elemento deste processo ainda mais perverso, no qual a figura que corresponde ao excesso obsceno foi criada pelo próprio sistema, e “situações e imagens que parecem antagonísticas estão, na verdade, numa relação de suporte: uma corresponde ao suplemento oculto (obsceno) da outra, aquilo que dá suporte para que a outra se constitua” (SILVA, 2011 p. 42). Para tomar como exemplo um acontecimento ainda muito próximo da atualidade, Žižek retoma, em *Bem-vindo ao deserto do Real* (2003), os atentados do Onze de Setembro para explicar como, naquele momento, foi instaurado um evento decisivo para a ressignificação de toda a história da política externa dos Estados Unidos. Para Žižek, este foi o momento em que o país poderia repensar suas intervenções militares em outros países e suas fantasias nacionais para tentar entender o que havia acontecido, superar o trauma e, para usar termos benjaminianos, reconstruir-se a partir das ruínas. No entanto, o que ocorreu foi uma intensificação da caricatura do homem afegão (barbudo, fanático e inimigo da democracia) para que o ódio se direcionasse a um oponente específico, facilmente identificável, e toda a experiência do trauma pôde ser recalçada.

Além de repetir a mesma experiência macarthista da perseguição ao fantasma do comunismo (agora substituída pelo muçulmano) e tudo o que a ele remetesse, a destilação do ódio a este novo grupo “oculta por trás do fato de Osama Bin Laden e o Talibã terem surgido como parte do movimento de guerrilha antissoviética patrocinado pela CIA no Afeganistão” (ŽIŽEK, 2003, p. 42). O cinismo da ideologia dominante está em sua resolução de transformar aquilo que servia a seus interesses em seu extremo oposto: naquilo que deve ser combatido fervorosamente.

Žižek também menciona, no mesmo livro, como o filme *Apocalypse Now* (1979), de Francis Ford Coppola, é outro exemplo de como isto funciona: o coronel Kurtz não é um vietnamita que se propôs a ascender militarmente criando seu próprio exército, mas um soldado que atuava para os EUA na Guerra do Vietnã, cuja deserção o torna imediatamente um opositor que precisa ser eliminado, para que não se permita que sejam evidenciadas as lacunas do Poder. Desta maneira, nos dois exemplos trazidos, aquilo que é apresentado como a “corporificação do Mal radical”, é, na verdade, um procedimento que está “combatendo seus próprios excessos” (ŽIŽEK, 2003, p. 42).

Em *O conto da aia*, torna-se a vez das mulheres serem transformadas em excesso obsceno da sociedade. Historicamente, conforme sintetizado na releitura anterior da análise de Tom Moylan (2000), o capitalismo é capaz de cooptar até mesmo os movimentos mais libertários e revolucionários de uma população. O mesmo foi feito com a luta das mulheres que defendiam a liberação sexual, no incentivo governamental aos testes da pílula anticoncepcional; na incorporação da figura feminina que possui desejos no cinema, no teatro e na televisão; na propaganda neoconservadora de Ronald Reagan ao anunciar que se vivia um momento “pós-feminista”, em que as mulheres já possuíam todos os seus direitos garantidos; dentre tantas outras ações. Atwood, em sua obra, articula na construção de Gilead a inversão da leitura da figura feminina que o próprio governo anterior havia incentivado que se consolidasse:

Naquela época, as Não mulheres estavam sempre desperdiçando tempo. Eram encorajadas a fazê-lo. O governo lhes dava dinheiro para fazerem exatamente aquilo. Notem bem, algumas de suas ideias eram bastante sensatas, prosseguia ela, a voz com a autoridade complacente de alguém que está em posição de julgar. Teríamos que desculpar e aceitar algumas de suas ideias mesmo hoje. Apenas algumas, vejam bem, (...) Mas elas eram Ateias, e isso pode fazer toda a diferença, não estão de acordo? (ATWOOD, 2017, p. 145).

Transportando a leitura de Žižek sobre o Onze de Setembro para uma analogia ao universo ficcional do romance de Atwood, pode-se perceber que houve um momento em que as práticas destrutivas do capitalismo estadunidense - o excesso de consumo que afeta todo o ecossistema e as condições habitáveis do planeta - foram tão insuportáveis que começaram a afetar a própria taxa de natalidade, e que, por não ser mais possível escondê-lo, poderia ter sido inaugurado o momento de rebelar-se contra a ideologia dominante que sustenta essas práticas, ou mesmo de repensá-las de alguma forma. Porém, a narrativa de Offred mostra que isto não aconteceu: com a associação da figura feminina (fértil) a este excesso obsceno, isto é, à contraditória criatura possuiria o “dom” de gerar a vida e que o desperdiçava com relações sexuais casuais, contraceptivos e abortos,

qualquer possibilidade de ressignificação da barbárie contemporânea imediatamente deixa de existir.

No estopim deste momento histórico, os Filhos de Jacó veladamente articulam um bombardeio à Casa Branca e assassinam o presidente, após um longo período investindo em propagandas que tanto consolidaram a imagem dos terroristas islâmicos, os quais foram culpados pelos ataques, como reforçaram a necessidade de uma espécie de “reeducação biológica” das mulheres, para serem lembradas de cumprirem suas funções:

As coisas continuaram naquele estado de animação suspensa durante semanas, embora algumas de fato tenham acontecido. Os jornais foram censurados e alguns foram fechados, por motivos de segurança, disseram. As barreiras nas estradas começaram a aparecer, e Identipasses. Todo mundo aprovava isso, uma vez que era óbvio que não se podia ser cuidadoso demais. Eles diziam que novas eleições seriam realizadas, mas que levaria algum tempo para prepará-las. A coisa certa a fazer, diziam, era continuar como de costume (ATWOOD, 2017, p. 208).

Como se nota, a medida drástica dos ataques só foi a passagem ao ato mais explícita do planejamento deste grupo fanático. Muito antes disso, as práticas sociodiscursivas foram sendo persuadidas e difundidas para a população, a qual, tomada pelo medo do terrorismo, consente com as medidas propostas pelos Filhos de Jacó. Uma vez que este, militarizado, mostra-se disposto a combater os perigos externos ao país, resta aos habitantes do país fazerem sua parte, já que a “ameaça invisível do Inimigo legitima a lógica do golpe preventivo” e “causa a realização incessante - não de si, mas - de medidas contra si” (ŽIŽEK, 2008, p. 486). Na mesma semana, Offred e todas as suas colegas mulheres são demitidas do trabalho; suas contas bancárias são congeladas e confiscadas; torna-se proibido que possuam bens em seus nomes; e viagens para fora do país são proibidas, bem como as fronteiras territoriais são melhor demarcadas (ATWOOD, 2017, p. 212-214). Estas medidas são permitidas a partir da suspensão da Constituição, logo substituída pela Bíblia, e por todas as suas passagens levadas ao pé da letra. Uma delas é a história de Raquel, que não conseguia dar filhos a Jacó e oferece sua aia Bila a ele, para que, entre seus joelhos, a aia concebesse por ela:

¹Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, senão morro. ²Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? ³E ela disse: Eis aqui minha serva Bila: coabita com ela, para que dê à luz sobre os meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela. ⁴Assim lhe deu a Bila, sua serva, por mulher; e Jacó a possuiu. ⁵E concebeu Bila, e deu a Jacó um filho (BÍBLIA, Gênesis, 30:1-5)⁶.

⁶Extraído de <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/30>. Acesso em 25/06/2018.

É da história de Raquel que se justifica o treinamento das aias: na transformação de uma região dos EUA em Gilead, todas as mulheres cujo histórico médico (ou de vida) provava sua fertilidade foram capturadas e levadas para cumprirem a função de aias, assim como Bila para Raquel e Jacó. Elas vestem-se com uma túnica vermelha que as cobre do pescoço aos pés e usam na cabeça um chapéu com longas abas, de forma que as aias não conseguem olhar para os lados, tal como o antolho para um cavalo, nem se comunicarem diretamente uma com as outras. Sua única função é ter os filhos dos Comandantes, homens ricos de cargos elevados de autoridade em Gilead, cujas esposas eram tidas como inférteis. Ao chegarem na casa dos Comandantes, as aias são destituídas imediatamente de seus próprios nomes - a protagonista, por exemplo, chamava-se June no período pré-Gilead, mas, desde o início do romance de Atwood, a conhecemos por Offred, nome que indica a quem ela pertence (*Of*["de"] + *Fred*) - e, conforme a estimativa do período fértil de cada aia, submetem-se a um ritual de leitura da passagem da Bíblia sobre Raquel e Jacó, para, em seguida, serem oferecidas aos Comandantes como objeto sexual na presença das esposas destes.

Assim, é estruturado um binarismo referente à sexualidade feminina. As aias, utilizando sua capacidade reprodutiva para o bem da sociedade e gerando crianças saudáveis para sanar os problemas econômicos trazidos com a queda da taxa de natalidade são vistas como preciosidades; por outro lado, qualquer lembrança da luxúria feminina e indicação de prazer - ou seja, daquilo que representa seu excesso obsceno - é suficiente para que sejam punidas, como a repulsa transmitida nas palavras de Tia Lydia pelo modo com as mulheres se portavam:

A maneira deplorável e exibida com que as mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto, e de costas e ombros nus, na rua, em público, e as pernas, sem nem sequer meias finas a cobri-las, não é de admirar que aquelas coisas costumassem acontecer (...) Coisas daquele tipo não acontecem com mulheres bem-educadas (ATWOOD, 2017, p. 69).

Estas mulheres, que destoam do papel a elas imposto, são, inclusive, chamadas de “Não mulheres”, como já trazido na citação que relembra os atos feministas e o momentâneo incentivo do governo. Já as “coisas” mencionadas por Tia Lydia estão diretamente relacionadas ao assédio e ao estupro. Outrossim, uma das primeiras lições ensinadas às aias no Centro de Treinamento é a culpabilização pelos ataques machistas sofridos por elas quando estavam “desprotegidas” em um mundo em que lhes era permitida a lascívia, assim como continuaria sendo se fossem abordadas por seus Comandantes:

Observo o relógio, elétrico e redondo, lá na frente em cima do quadro-negro verde. Duas e meia chega durante o Testemunho (...) É Janine, contando como foi currada por uma gangue aos catorze anos e fez um aborto. Ela contou a

mesma história na semana passada. (...) Mas uma vez que é Janine, é provavelmente mais ou menos verdade.
Mas de quem foi a culpa?, diz tia Helena, levantando um dedo roliço.
Dela, foi dela, foi *dela*, foi *dela*, entoamos em uníssono.
Quem os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco.
Ela seduziu. *Ela* seduziu. *Ela* seduziu.
Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?
Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*
(ATWOOD, 2017, p. 88, grifos da autora).

Assim, a associação da figura feminina desmoralizada ao Mal social cria uma fantasia que, para Žižek (2003, p. 37), recalca o trauma histórico. É por esta via de pensamento que o filósofo esloveno se aproxima das Teses sobre o conceito de História de Walter Benjamin (1987), as quais reiteram que o confronto com a ruína é necessário para superá-la sem jamais esquecê-la, já que o fechamento da história mascara o ato de não encarar o passado, e, com isto, muitas vezes acabam sendo silenciadas, gerando diversos tipos de trauma e recalçamento. É exatamente desta última forma que Gilead sistematiza seu funcionamento ideológico, transformando as mulheres em meras parideiras, privando-as de seus direitos civis, de propriedade privada, de olhar para a outras aias frente a frente, de falar, de ler e de se reconhecer enquanto mulher no mundo:

Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou um meio de transporte, ou um implemento para a realização da minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, para apertar botões, deste ou daquele tipo, fazer coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, único, sólido, parte de mim. Agora a carne se arruma de maneira diferente, sou uma nuvem, congelada ao redor de um objeto central, com o formato de uma pera, que é duro e mais real do que eu e que incandesce vermelho dentro de seu invólucro translúcido. Dentro dele está um espaço, imenso como o céu à noite e curvo como ele, embora negro-avermelhado em vez de negro. Pontos infinitesimais de luz incham, chispam, explodem e murcham dentro dele, incontáveis como estrelas. Todo mês há uma lua, gigantesca, redonda, pesada, um augúrio. Ela transita, se detém, segue em frente e passa, desaparece de vista, e eu vejo o desespero vindo em minha direção como uma grande fome, uma escassez absoluta (ATWOOD, 2017, p. 90-91).

Este apagamento é tão totalizante na forma como se constitui a superfície de Gilead, isto é, na recuperação econômica da nação, que faz com que esta seja vista como exemplar para outros países que começam a passar por uma situação similar de alta taxa de mortalidade infantil. A República de Gilead atrai turistas, embaixadores e autoridades estrangeiras, admirada por ter empregado um modelo social que funcionou e que começa a ser repensado como uma possibilidade futura para diversos outros locais. Este é o fantasma do progresso temido por Benjamin, que, na Tese XVIII, identifica-o como um rumo “automático” a um estágio de “perfectibilidade” (BENJAMIN, 1987, p. 299), o qual, em *O conto da aia*, legitima institucionalmente o sacrifício de toda a condição humana das mulheres, relegando-as, conforme os termos de Hannah Arendt

(2007), à esfera do labor, da sobrevivência, ao excluí-las da esfera da ação, isto é, da esfera da vida política, no sentido de lutar pela história, de fazer parte da pluralidade da vida coletiva e da singularidade da vivência do feminino de cada uma:

(...) toda primavera havia um festival de Humphrey Bogart, com Lauren Bacall ou Katherine Hepburn, mulheres independentes, tomando suas decisões. Elas usavam blusas com botões abotoados na frente que sugeriam as possibilidades da palavra *desabotoar* — abrir (o que estava cerrado), soltar. Aquelas mulheres podiam se soltar e se perder; ou não. Elas pareciam ser capazes de escolher. Nós parecíamos capazes de escolher naquela época. Éramos uma sociedade que estava morrendo, dizia tia Lydia, de um excesso de escolhas (ATWOOD, 2017, p. 36, grifo da autora).

Outra maneira de ver como a representação do feminino é o excesso obsceno social de Gilead está na homossexualidade. As mulheres lésbicas, cuja orientação sexual representa a exacerbção do desejo imanente que busca se realizar sem ligação com a reprodução ou com a necessidade de um homem para exercer seu poder nela, sofrem total desconsideração: são treinadas para serem aias e levadas para conceberem os filhos dos Comandantes mesmo assim. As que não se submetem são levadas às Colônias, lugar de maior concentração dos problemas radiativos e ecológicos que eclodiram anteriormente: “Nessas, eles calculam que você tenha três anos no máximo, antes que sua pele se despregue e saia como luvas de borracha. Não se dão ao trabalho de lhe dar muito o que comer, ou de lhe dar trajes de proteção ou coisa nenhuma, é mais barato não fazê-lo” (ATWOOD, 2017, p. 295).

Por outro lado, este modo de relacionar-se com a sexualidade não se restringe somente à figura da mulher, mas a tudo que socialmente se concebe como reminiscência do feminino ou, dito de outra forma, à desestabilização do paradigma social da masculinidade. Os homens *gays* que não se forçassem a penetrar as aias no ritual de reprodução, ou exercessem qualquer outra manifestação que fuge à função padrão do homem em termos ortodoxos e cristãos, eram enforcados e expostos em um Muro:

Há três novos corpos no Muro. (...) Os outros dois têm cartazes púrpura pendurados ao redor do pescoço: Traição por Falsidade de Gênero. Seus corpos ainda estão vestidos com os uniformes dos Guardiões. Foram apanhados juntos, devem ter sido, mas onde? Numa caserna, num chuveiro? É difícil dizer (ATWOOD, 2017, p. 55).

Assim, o homossexual também é condenado por estar “marcado por um excesso aterrorizante” (ŽIŽEK, 2008, p. 38), que, em Gilead, mescla-se sem distinção ao ato de “Falsidade de Gênero”. Este discurso ignora o fato de que a orientação sexual independe do gênero, sendo que este último, construto social, faz com que aquilo que constitua o feminino e o masculino sejam,

na verdade, elementos integrantes de todos os indivíduos. Portanto, o homossexual é perseguido por deixar ainda mais exposto do que o homem heterossexual que o feminino como “excesso a ser combatido é absolutamente imanente, é o verdadeiro núcleo da própria subjetividade” (ŽIŽEK, 2008, p. 38).

Ao mesmo tempo, deve-se reforçar um último aspecto sobre a persente temática. Este “combate” a tudo que está na associação do feminino com a libertinagem, segundo padrões morais, é apenas superficial, na medida em que precisa aparecer desta forma para convencer os cidadãos do funcionamento da ideologia. Nos bastidores, os Comandantes possuem acesso a uma espécie de bordel secreto, intitulado Jezebel. Às mulheres que, independentemente da razão, eram ditas como tendo que escolher entre a morte ou as Colônias, lhes era dada uma terceira opção, sigilosa, de se tornarem prostitutas de luxo neste local, onde podem se vestir, passar maquiagem e se comportar libidinosamente como antes. Quando o Comandante Waterford leva Offred para conhecer Jezebel, ela pensa consigo mesma:

Está demonstrando, para mim, sua maestria do mundo. Está violando as regras, debaixo dos narizes deles, dando-lhes uma banana e se saindo numa boa. Talvez tenha alcançado aquele estado de embriaguez que dizem que o poder inspira, o estado em que você acredita que é indispensável e que portanto pode fazer qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa que tiver vontade, realmente qualquer coisa. Duas vezes, quando acha que ninguém está olhando, dá uma piscadela para mim.

É uma exibição adolescente, a encenação inteira, e patética; mas é algo que compreendo (ATWOOD, 2017, p. 280).

Esta é uma das melhores ilustrações que o livro traz à compreensão do funcionamento do excesso obsceno: a obnubilação da mulher contemporânea e tudo o que ela representa, ao mesmo tempo em que a transforma, no discurso, em um impasse que impediria o renascimento econômico do país, não quer dizer que ela seja totalmente eliminada. A naturalização da volúpia masculina é prevalecente sobre a exploração sexual de mulheres, como se pode observar quando Offred pergunta ao seu Comandante o que era aquele clube: “Significa que não se pode trapacear com a Natureza. (...) A Natureza exige variedade para homens. É lógico, razoável, faz parte da estratégia de procriação. É o plano da Natureza” (ATWOOD, 2017, p. 281). Logo depois, ele descreve a função de Jezebel: “É apenas para oficiais (...) Estimula o comércio. É um bom lugar para conhecer pessoas. É praticamente impossível fazer negócios sem isso. Tentamos proporcionar algo no mínimo tão bom quanto podem encontrar em outros lugares” (ATWOOD, 2017, p. 282).

Portanto, a prostituição, cujo aumento se tornou um problema social desde os primórdios do capitalismo industrial, foi mantida, já que, ao mesmo tempo em que os Comandantes aceitavam participar do ato indiferente de penetrar uma aia apenas para sua concepção, eles também poderiam

continuar tendo sua fonte oculta (mais para as esposas do que para qualquer outra pessoa) de alívio. Nas palavras de Žižek (2008, p. 486), “se privarmos a Lei do excesso que a sustenta, perdemos a própria Lei (o próprio estado de direito)”. Por fim, pode-se observar que a classe dos Comandantes consegue reafirmar-se como poder soberano diante de todas as mudanças ocorridas em Gilead porque “reserva o direito de proclamar um estado de exceção, isto é, de suspender o estado de direito em nome da própria Lei” (ŽIŽEK, 2008, p. 486).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando-se da crítica metaficcional, processo de construção narrativa tão característico dos romances da contemporaneidade, Margaret Atwood reconstrói as diversas facetas do autoritarismo discursivo patriarcal. Elas são permeadas pela estratégia da produção de excessos obscenos, o que leva ao repúdio à pluralidade, à negação da voz do outro, à apropriação e, em termos benjaminianos, ao fechamento da história, ou seja, à defesa de uma versão única da verdade, do relato do ponto de vista do vencedor - no caso, do homem dentro dos padrões heteronormativos e cristãos.

Desta maneira, Margaret Atwood dá continuidade a uma das características mais paradigmáticas das narrativas distópicas convencionais: mostrar como o sistema cria seus próprios excessos, para passar a imagem de que há algo perverso, inimigo da ordem e da paz, a ser combatido, de modo que seja uma tarefa heroica do sistema empenhar-se em fazê-lo. Afinal, dentre tantos exemplos possíveis, *1984*, de George Orwell já apontava para isto na figura de Emmanuel Goldstein, ex-membro do Partido Ingsoc, o qual passa a incentivar a população a atacar sua imagem sempre que esta aparecia nas teletelas, em um evento denominado “Dois Minutos de Ódio” (ORWELL, p. 18).

Outrossim, deve-se destacar que o mérito do romance de Atwood está em ter colocado Offred como parte da primeira geração de aias de Gilead, pois, se nos outros romances distópicos só há indícios das ideias que levaram à transformação de um regime sistêmico em outro, em *O conto da aia* o leitor tem acesso a uma riqueza descritiva do percurso destes processos. Esta comparação do antes com o depois, Estados Unidos com Gilead, e os meios que fizeram com que aquele desembocasse neste, aproxima o leitor de seu próprio tempo, fazendo com que repense criticamente em suas referências das bases democráticas que o cercam. *O conto da aia* é, finalmente, uma narrativa que reforça como nenhuma destas bases é sólida o suficiente para se tomar como garantida e para deixar de permanecer historicamente vigilante à ameaça totalitária e, no caso desta obra, fundamentalista.

4 REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: _____. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. Editora Brasiliense, 1989. p. 103-149.

JAMESON, Frederic. **Archaeologies of the Future: the Desire Called Utopia and Other Science Fictions**. New York: Verso, 2005.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOYLAN, Tom. **Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia e Dystopia**. Colorado: Westview Press, 2000.

ORWELL, George. **1984**. 9ª reimpressão. Trad. Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Marisa Corrêa. Autores, narradores, não-autores: a experiência de “Partes da África”. **Revista de Literatura, História e Memória**. v. 7. n. 10. 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/5890/472>. Acesso em 01/06/2018. p. 33-45.

SUVIN, Darko. On the Poetics of the Science Fiction Genre. **College English**. v. 34. n. 3. 1972. p. 372–382. Disponível em: www.jstor.org/stable/375141. Acesso em 24/01/2018.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real!**: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. Trad. Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

Title

The feminine as an obscene supplement in *The Handmaid's Tale*, by Margaret Atwood

Abstract

This article seeks to understand how the narrative of *The Handmaid's Tale* (1985), female dystopia by Canadian Margaret Atwood, can dialogue with Slavoj Žižek's (2003) concept of "obscene supplement" to understand the formation of the dystopian universe of the Republic of Gilead. More than a scapegoat, the sexualized and emancipated female figure of the old United States, whose revolutionary character was co-opted by capitalism to make it one of the pieces for the functioning of economic liberalism, becomes devoid of all of their civil rights in the transformation of the USA in the Republic of Gilead. In this nation, women are respected only as an instrument of reproduction, deprived from fundamental rights, including that of being protagonists of their own stories. In this way, the concept of obscene supplement seems to aid in the understanding of how an ideology is capable of creating its own surplus, and then wishes to rid itself of it and persuade the population to exterminate it. *The Handmaid's Tale*, by revealing the processes involved in this strategy, critically reflects on how even a nation with apparently consolidated democratic foundations carries within itself the phantasmatic dimension of radicalism and fundamentalism in its own fissures, subject to rise and to restrain individual freedoms as much as in totalitarian societies. Or, in the words of Žižek (2003: 71), it portrays fascism as a latent obscene excess of capitalism, maintaining, in the words of Walter Benjamin (1987), a real barbaric situation, parting from the closing of history and the silencing of the voice of the oppressed.

Keywords

Slavoj Žižek; obscene supplement; dystopia; *The Handmaid's Tale*.

Recebido em: 25/06/2018.

Aceito em: 04/08/2018.